
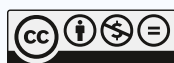


* Padre da Diocese de Chapecó/SC. Doutor e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. Especialista em Metodologia Pastoral pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI. Graduado em Teologia pelo Instituto de Teologia e Pastoral (Itepa) e em História pela Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC. Professor da Faculdade de Teologia e Ciências Humanas de Passo Fundo.

E-mail: zaninipastoral@hotmail.com

 <http://orcid.org/0000-0001-8771-3799>

** Bacharelou-se em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Faculdade de Teologia (1979) e Licenciou-se em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí (atual Unijuí) (1971). É Mestre e Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (1979-1983). Atualmente é professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como professor permanente e pesquisador do programa de pós-graduação em Teologia, professor na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, de Porto Alegre, membro da Equipe Interdisciplinar de Assessoria da Conferência dos Religiosos do Brasil, Secretário Geral do Fórum Mundial de Teologia e Libertação. Foi membro do Comitê de Redação da Revista Internacional de Teologia Concilium por quinze anos (2000-2015) e atualmente atua



O INTELLECTUAL ORGÂNICO

A teologia não se deixa acorrentar
(2Tm 2,9)

THE ORGANIC INTELLECTUAL

Theology does not allowed to be chained
(2Tm 2,9)

Rogério L. Zanini*

Luiz C. Susin**

Resumo: O texto tem por objetivo compreender a missão do intelectual/teólogo orgânico com clareza de sua opção, no sentido de ser portador de certos valores contra outros valores, defender certos interesses contra outros interesses; assumir a causa do reino de Deus contra o antireino. Segundo a lição de Ellacuría e Sobrino, os pobres são o lugar epifânico da revelação cristã e, conseqüentemente, do magistério cristão, porque entre os pobres Deus quis colocar sua cátedra. De maneira límpida e profética reconheceram explicitamente os Bispos na Conferência de Aparecida: “A opção preferencial pelos pobres é uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha” (Dap. 391). Para dar conta desta questão, se pretende refletir o significado de uma teologia profética que desce aos crucificados honrando a realidade das vítimas da história em vista de sua ressurreição/libertação. Segue-lhe um segundo aspecto, no qual se aborda a missão da teologia como um pensar as feridas e resgatar a vida para que o mundo seja transformado na perspectiva do seu Criador; e por fim, no terceiro ponto, compreender a vida e o legado de padre Elli Benincá, um mestre inspirador do Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo-RS, como um case de intelectual/teólogo orgânico. Em conclusão, se realça a importância e atualidade/ousadia deste método que tem o teólogo na postura de intelectual orgânico, pois é em si uma postura profética diante da realidade virtual, individualista e capitalista que marca o século XXI.


Palavras-chaves: Teologia. Profecia. Intelectual Orgânico. Benincá.

Abstract: The text aims to understand the mission of the organic intellectual/theologian with clarity of mission, in the sense of being the bearer of certain values against others, to defend certain interests against others, to take up the cause of the Kingdom of God against the other anti-kingdoms. According to Ellacuría and Sobrino's lesson, the poor are the epiphany of Christian revelation and, consequently, of the Christian magisterium, because among the poor God wanted to place his chair. In a limpid and prophetic way, Bishops explicitly recognized at the Aparecida Conference: “the preferential option for the poor is one of the peculiarities that marks the face of the Latin American and Caribbean Church” (Dap.

Revista Teopraxis

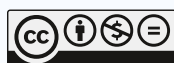
em seu comitê científico. Foi presidente da Associação de Teologia e Ciências da Religião (SOTER) no triênio 1998-2001, da qual é cofundador. Foi professor convidado na Universidade Antoniana de Roma, no Instituto de Teologia e Pastoral da Confederação Episcopal da América Latina em Bogotá. Foi professor colaborador na Faculdade de Filosofia da PUCRS, em Ética ambiental e Metafísica e na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Ética e Filosofia da Religião. Em 2011 realizou estágio pós-doutoral na Georgetown University, de Washington.

E-mail: lcsusin@puccrs.br

 <http://orcid.org/0000-0002-9475-8941>

Recebido em 27/10/2021

Aprovado em 05/05/2022



Este artigo está licenciado com a licença: Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.

391). To address this issue, it is intended to reflect the meaning of a prophetic theology, who descends to the crucified, honoring the reality of the victims of history in view of their resurrection/deliverance. A second aspect follows, in which the mission of Theology is approached as a way of thinking about wounds and rescuing life for the world to be transformed in the perspective of its Creator; and finally, in the third point, to understand the life and legacy of Father Elli Benincá, an inspiring teacher of the Theology and Pastoral Institute of Passo Fundo-RS, as an organic intellectual/theologian case. In conclusion, it highlights the importance and topicality/boldness of this method that has the theologian in the position of organic intellectual, because it is, in itself, a prophetic posture in the face of the virtual, individualistic and capitalist reality that marks the 21st Century.

Keywords: Theology. Prophecy. Organic Intellectual.

INTRODUÇÃO

O presente texto tem por objetivo compreender a missão do intelectual/teólogo orgânico com clareza de sua opção, no sentido de ser portador de certos valores contra outros valores, defender certos interesses contra outros interesses; assumir a causa do reino de Deus contra o antireino. O teólogo como intelectual orgânico é alguém que se encontra estreitamente vinculado social e economicamente com os *insignificantes* (Gustavo Gutiérrez), ou pessoas *invisíveis da história* (linguagem realçada pela pandemia). Ora, seu objetivo maior é a organização e a construção de estruturas diferenciadas no seio social, como aquele que auxilia na elaboração de concepções que proporcionem novas formas de vida em que todos tenham vida em abundância como pregou Jesus. Na perspectiva teológica, esta concepção de teólogo como intelectual orgânico possui como verdadeira missão a construção de um agir encarnado na história, cujo projeto maior de vida é, na formulação de Ellacuría e Sobrino, “*descer da cruz os povos crucificados*”¹. Tal concepção mostra-se extremamente desafiadora, especialmente nestes tempos de “sociedade líquida” (Baumann) e de tendência de retorno a “uma teologia de escritório” (Papa Francisco), contextos que exigem, tendo por norte a teologia latino-americana e caribenha, manter-se fiel na originalidade da opção pelos pobres e contra a pobreza. Segundo a lição de Ellacuría e Sobrino, os pobres são o lugar epifânico da revelação cristã e, conseqüentemente, do magistério cristão, porque entre os pobres Deus quis colocar sua cátedra. De maneira límpida e profética reconheceram explicitamente os Bispos na Conferência de Aparecida: “A opção preferencial pelos pobres é uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha” (DAp 391).

Para dar conta desta questão, a presente reflexão se desenvolve em três direções. Em primeiro lugar, pretende refletir o significado de uma teologia profética que desce aos crucificados *honrando* a realidade das vítimas da história em vista de sua ressurreição/libertação. Segue-lhe um segundo aspecto, no qual se aborda a missão da teologia como um pensar as feridas e resgatar a vida para que o mundo seja transformado na perspectiva do seu Criador; e por fim, no terceiro ponto, compreender a vida e o legado de padre Elli

Benincá, um mestre inspirador do Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo-RS, como um *case* de intelectual/teólogo orgânico.

1 HONRADEZ PELA REALIDADE DAS VÍTIMAS

De alguma forma todas as teologias possuem como fonte originária elementos que se encontram na realidade, uma vez que o teólogo, como parte integrante deste mundo real, com ele convive e interage. Consequentemente se assume sempre a partir de uma tomada de posição nesta realidade, na qual testemunha sua fé e reflete teologicamente. Por isso, ao se referir à honradez para com a realidade se está adentrando nela com capacidade de se colocar em uma situação que a atinge um universo próprio de forma configuradora. Como intelectual, todo teólogo assume um ponto de vista, toma uma posição e elabora seu pensamento em vista de objetivos e interesses concretos pessoais e/ou coletivos².

A Teologia da Libertação reconhece que sua teologia toma parte e se posiciona desde a parte dos pobres, portanto é parcial e notoriamente declarada em vista da opção pelos pobres e excluídos. Seguindo Jon Sobrino: “todo pensamento se acha situado em algum lugar e nasce de algum interesse; tem uma perspectiva, um lugar de onde e um para onde, um para que e um para quem”. E a partir disso declara o objetivo de sua teologia: “*parcial, concreta e interessada: as vítimas deste mundo*”. E o motivo está na revelação de Deus e também na realidade do mundo atual, embora isto sempre se configure dentro de um círculo hermenêutico³.

No caso, de Sobrino, segundo o teólogo Pedro Trigo a “honradez com a realidade” se configura no modo estruturante de sua preocupação teológica. Para Trigo, em Sobrino é central este ponto de vista, porque insiste de tal maneira na honradez com a realidade, que esta pode ser considerada como um elemento estrutural do seu pensamento e modo de ser. A honradez para com o real não é um simples conteúdo, uma vez que possui suas raízes na identidade cristã. O teólogo como “animal de realidades” precisa refletir e se deixar afetar por coisas reais. Dizendo de modo simples: teologia com sentido de realidade⁴.

Os Bispos, nas Diretrizes para a evangelização, reconhecem que “contemplar o Cristo sofredor na pessoa dos pobres significa compreender as causas de seus flagelos, especialmente as que os jogam na exclusão”⁵. Esta afirmação contempla duas questões profundas e determinantes que alicerçam a tomada de posição em favor e na opção pelos pobres por parte da Teologia da Libertação. Uma primeira consiste num verdadeiro axioma: contemplar Cristo conduz ao pobre. E, assim, não se pode compreender um ou outro de forma separada, com o grave perigo de perder a identidade cristã. Aqui vale recordar o debate acalorado e fecundo entre alguns teólogos da libertação em

1 As expressões “povos crucificados” e “descer da cruz os povos crucificados” foram criados por Ignacio Ellacuría. Cf. Jon SOBRINO, *Jesus, o Libertador*, p.366.

2 Jürgen Habermas, na linha de Michel de Foucault, aprofundou a análise da relação entre conhecimento e interesse, da presença e operação do interesse no conhecimento, o que, até por questão de honestidade, não só pode, mas deve ser explicitado pelo intelectual. Cf. Jürgen HABERMAS, *Conhecimento e interesse*. São Paulo: Unesp, 2014.

3 Jon SOBRINO, *A fé em Jesus Cristo*, p.13 (grifo do autor). Segundo Sinivaldo Tavares, essa é uma das peculiaridades da Teologia da Libertação. “Gostaríamos ainda de ressaltar uma peculiaridade da TdL que a coloca, para todos os efeitos, em uma condição de ruptura epistemológica em relação à Modernidade ocidental. À diferença de teologias que, ingênua ou intencionalmente, não revelam sua perspectiva epistemológica, apresentando-se como neutras e universais, a TdL assume-se enquanto discurso elaborado a partir de uma situação concreta e de suas respectivas indagações. Desde o seu nascedouro, a TdL tem manifestado claramente a consciência de se constituir em discurso, para todos os efeitos, parcial: uma teologia que não tem pudor de se construir a partir dos pobres para libertá-los da condição à qual encontram-se submetidos injustamente” (Por uma transformação intercultural da teologia. *REB*, v. 78, n. 311, 2018, p.717).

4 Pedro TRIGO. Distinción entre orden establecido y realidad: por honradez con la realidad. Disponível em: <https://revistas.uca.edu.sv/index.php/rlt/article/view/5747>. Acesso em 8 de janeiro de 2022.

5 Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023, n.110.

contraposição à perspectiva tornada pública por Clodovis Boff após a assembleia do CELAM em Aparecida. Para Boff, a primazia da fé está em Cristo, mas os pobres teriam ocupado, na Teologia da Libertação, o lugar de Cristo, ocasionando um dano irreparável à fé. Ele reitera: a Teologia da Libertação “colocou os pobres em lugar de Cristo”. Dessa “inversão” de fundo resultou um segundo equívoco: instrumentalização da fé ‘para’ a libertação⁶. O teólogo Érico J. Hammes, tecendo críticas a este argumento, traz à lume o esquecimento dos pobres ao longo da história do cristianismo. A “opção pelos pobres só aparece na Igreja na segunda metade do século XX”. E acrescenta: “os pobres nos ajudam a encontrar Jesus e, no momento em que percebemos essa relação, mudará nossa concepção cristológica. Falamos aqui de uma espécie de círculo hermenêutico entre os pobres e Jesus Cristo”⁷.

A segunda questão se refere às causas da pobreza e o compromisso de libertação que tem seu alicerce na fé cristã. A partir da experiência latino-americana, Gustavo Gutiérrez lembra que “o compromisso libertador significa para muitos cristãos uma autêntica experiência espiritual, no sentido original e bíblico do termo: um viver no Espírito que nos faz reconhecer-nos livres e criativamente filhos do Pai e irmãos dos homens [humanos]”⁸. Segundo Celso Pinto Carias, estes dois elementos se encontram intrinsecamente unidos, “o espiritual indica uma teologia como um discurso predominantemente calcado na experiência de fé cristã, e o da libertação as consequências de uma teologia enraizada no Mistério Pascal”⁹.

Esta é uma dimensão e uma experiência pouco valorizada pela maioria dos que se afirmam cristãos, porque pensam que as realidades de carne e osso ligadas à vida, tais como a saúde, o alimento, a moradia, o trabalho, a política ... devem acontecer à margem da fé, como ação social e responsabilidade do Estado, e à margem dos âmbitos e espaços eclesiais e da própria Igreja, que quanto muito assume a ação social como suplência.

2 A MISSÃO DA TEOLOGIA: PENSAR AS FERIDAS E RESGATAR A VIDA

Definir o papel da teologia em meio à complexidade das relações e as atuais conjunturas socioeconômicas, políticas, culturais e religiosas não é uma tarefa fácil. Em diferentes épocas, e a partir de acontecimentos históricos e sociais diversos, a discussão sobre a missão da teologia volta ao debate. Com o decorrer do tempo o fazer teológico e o próprio conceito de teologia sofrem as influências da sociedade, às vezes em uma espécie de modismo passageiro, em outras fixa-se em perspectivas e objetivos lucrativos, com ações e práticas de cunho idolátrico. Em teologia, como em outros discursos contemporâneos, na sociedade fluida e que prima por discursos e relacionamentos superficiais, as temáticas parecem não conseguir se sustentar por muito tempo, especialmente quando tocam em questões relacionadas à forma como se encontra estruturada a sociedade.

Neste tipo de estrutura de sociedade, aos teólogos e à teologia se exige sem rodeios e com insistência, para que se diga coisas novas, e quando estas não são ditas ou ainda não encontram eco junto aos formadores de opinião, são descartadas como produtos fora da “moda”. Ou são rotuladas e relegadas ao passado como discursos ‘sem lugar’, como sal ‘sem sabor’. Neste sentido, estão os que dão por encerrada, *morta* ou ultrapassada, a Teologia da Libertação, buscando novas inspirações em algumas correntes do pensamento europeu ou

6 Clodovis BOFF, Teologia da Libertação e volta ao fundamento. *REB* 67, p.1001.

7 Luiz C. SUSIN, e Érico J. HAMMES, *Teologia da Libertação após Aparecida volta ao fundamento?* Disponível em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=ES&langref=PT&cod=33420>>. Acesso em: 16 ago. 2011.

8 Gustavo GUTIÉRREZ, Práxis de libertação. Teologia e anúncio. *Concilium*, n. 10 (1974/6). p. 742.

9 Celso Pinto CARIAS e Aurelina de Jesus CRUZ CARIAS, *Outra teologia é possível, outra Igreja também*. p.61.

norte-americano. Outros apontam com entusiasmo e sereno otimismo sua validade nas sugestivas insinuações de Aparecida, com relação à contribuição de um método e de um pensamento em vista da formação de discípulos-missionários na Igreja do Continente, assegurada através do método ver, julgar e agir (DAp 19). De toda maneira é preciso reconhecer os sinais de que algo novo vem ocorrendo em relação à reflexão teológica latino-americana, mais sutil e sensível: algo assim como a presença do Reino de Deus, nem sempre evidente¹⁰.

O modo de fazer teologia que se desenvolveu na América Latina e no Caribe depois do Concílio Vaticano II e da recepção criativa/profética da Conferência de Medellín produziu uma época de florescimento teológico. A originalidade desta teologia encontrou seu alicerce/sustentáculo na grande tradição teológica que unificou a fé em Jesus Cristo com a dura realidade dos pobres e marginalizados, tradição que remonta a Antônio Montesinos, Bartolomeu de las Casas e tantos outros e outras que alargam a lista de testemunho martirial¹¹.

Neste sentido, assumindo a perspectiva levada a cabo pelos teólogos da libertação, tais como Leonardo Boff, Jon Sobrino, Pedro Trigo e outros, se aprende que este modo de produção teológica permanece (sempre a mesma), enquanto existirem estruturas excludentes que produzem marginalizados e desigualdades sociais. Na opção pelos pobres e contra a pobreza se fixa a pedra angular da teologia cristã. E isso não por modismo, mas por exigência do Evangelho, pois como afirma o Papa Francisco, “existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres” (EG 48). Ora, aqui se pode compreender a insistência profética de Sobrino quando elabora a paráfrase “fora dos pobres não há salvação”¹².

É evidente que os contextos se transformam e a reflexão teológica precisa estar atenta aos “sinais dos tempos” (Mt 16,3), mas é certo que, como assegura Ellacuría, os pobres são o sinal perpétuo de Cristo neste mundo injusto, porque são expressão da crucificação de Jesus na história. Por isso, “esse povo [crucificado] é a continuação histórica do Servo de Javé, a quem o pecado do mundo continua a tirar toda figura humana, à qual os poderes desse mundo continuam a despojar tudo, continuam arrebatando-lhe a vida, sobretudo a Vida”¹³.

As teologias, portanto, precisam certamente acompanhar as mudanças da sociedade e das épocas, sem, no entanto, se desviar do ser humano caído no caminho, critério sempre válido e atual que imprime salvação ou condenação para os cristãos segundo o critério cristão originário do Evangelho. É o próprio Papa Francisco que recoloca os pobres no centro da fé cristã como caminho salvífico devido à sua presença em toda a tradição cristã. “Todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres” (EG 197). Francisco compreende que o imperativo evangélico que mais urge ser anunciado neste momento da história – agravado especialmente pela pandemia da Covid-19 e pela ameaça de guerra difusa – é a fraternidade humana. Progressivamente, ele tem acentuado esta nota essencial do cristianismo, propondo como “ícone iluminadora” a parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37), “capaz de manifestar a opção fundamental que precisamos fazer para reconstruir nosso mundo ferido” (FT 67). Ser, portanto, “bons samaritanos” e não “viandantes indiferentes”, por mais sagradas que consideremos outros empenhos, é a opção que se impõe a cada pessoa de boa vontade neste momento (FT 69).

10 Pedro TRIGO, *¿Ha muerto la teología de la liberación?* Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, Facultad de Teología, Departamento de Teología, 2005. Entre outros elementos analisados, assinala o que disse os opositores, as razões alegadas e algumas propostas significativas da teologia da libertação.

11 Ignacio Madera Vargas. Algunas consideraciones acerca del método en teología latinoamericana. p.17. *¿Es pertinente la Teología de la Liberación hoy?* Aportes de Amerindia Colombia. Amerindia. Septiembre 2020, p.15-34.

12 Cf. Jon SOBRINO, *Fora dos pobres não há salvação*: pequenos ensaios utópicos-proféticos. São Paulo: Paulinas, 2008.

13 Ignacio ELLACURÍA, *El pueblo crucificado signo de los tiempos*, p.1.

Dessa forma, os pobres e a salvação são dimensões que se implicam, exigem-se mutuamente e remetem à mais profunda mensagem da fé cristã. Mais: os pobres, além disso, se constituem no lugar – o *locus theologicus* – do qual tudo se vê melhor e mais profundo. Inclusive há que observar que o “desde os pobres”, que é uma parcialidade histórica, além de ser uma exigência da fé cristã não causa limitação à plenitude escatológica. No entanto, “desde os pobres” faz acontecer uma mudança epistemológica transformadora, não observável a partir de outro ponto. Assim indica o Papa Francisco em sua visita à paróquia dos santos Isabel e Zacarias, na periferia de Roma: “se entende melhor a realidade não a partir do centro, mas das periferias”¹⁴. Assumir a realidade desde baixo significa atentar para esses movimentos que principiam uma nova lógica para o mundo. Em palavras de Ellacuría: “há lugares mais propícios ao surgimento de utopias proféticas e de profetas utópicos”¹⁵.

Em tempos de vários ópios e distrações, como futebol, *fake news* e outros espetáculos, vislumbram-se sinais de esperança. Criar oportunidades de avançar desde o reverso da história e nas brechas da história para outro mundo possível, como se tem afirmado, tornou-se absolutamente necessário e extremamente urgente. Por isso, com razão e urgência, seguindo o veio libertador do evangelho, o Papa Francisco vem desafiando os teólogos e as comunidades eclesiais para um estilo de vida de acordo com o projeto do Reino de Deus. Retoma-se, desta forma, a primazia do pastoral sobre o teológico, o que para muitos teólogos e mesmo cristãos de escritório, causa calafrios e relutância¹⁶.

O recuo para a teologia de escritório trouxe limitações teológicas, tal como o distanciamento dos teólogos da realidade do povo. Não seria essa uma das causas que forçou a um certo academicismo dentro do mundo teológico? Novamente o Papa Francisco tem exortado para essa realidade: não se contentar com uma teologia de escritório. O lugar de reflexão teológica devem ser as fronteiras, as ruas, onde os teólogos e pastores sintam o odor do povo e da rua, derramem azeite e vinho sobre as feridas das pessoas¹⁷. Por isso, é importante questionar-se: “em quem pensamos quando fazemos teologia? Que pessoas temos diante de nós? Sem este encontro com a família, com o Povo de Deus, a teologia corre o grande risco de se tornar ideologia”¹⁸.

Esse chamamento do Papa Francisco parece ser novamente um reenvio para “realmar”, dar alma novamente à atuação e inserção junto às CEBs, buscar a honradez que se deve para com a realidade... Segundo o Papa, o risco maior de ideologia está em construir uma teologia de escritório, desde as sacadas ao invés do meio da rua, ou uma Igreja de sacristia, fechada sobre si e com medo do mundo. Ambas as coisas levam ao perigo histórico de sempre: o docetismo teológico e eclesial¹⁹. Neste sentido, Jon Sobrino, mantendo fidelidade à tradição teológica latino-americana e preocupado com um fazer teológico encarnado nos problemas e dores dos pobres, sentenciava antes do Papa o perigo da teologia atual.

14 Papa FRANCISCO. *Visita à paróquia romana dos “Santos Isabel e Zacarias”*.

15 Ignacio ELLACURÍA, Utopía y profetismo. In: I. ELLACURÍA e J. SOBRINO (Org.). *Mysterium Liberationis*. v. 1, p.393. Tradução nossa.

16 Cf. Antonio MANZATTO, *Jesus Cristo*, p.10-13.

17 Cf. Carta do Papa Francisco por ocasião do Centenário da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica Argentina. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150303_lettera-universita-cattolica-argentina.html. Acesso em 19 de abril de 2022.

18 (VATICANO. Mensagem do Papa Francisco ao congresso de teologia junto da Pontifícia Universidade Católica argentina). *Ibidem*.

19 Doutrina existente nos séculos II e III que negava a existência de um corpo de carne a Jesus Cristo, que seria espírito com aparência corpórea apenas. Traduzindo para o contexto latino-americano e caribenho, seria uma teologia sem corpo, sem o chão dos pobres.

O que mais me preocupa na teologia é sua tendência ao docetismo, isto é, a criar um âmbito próprio de realidade que a distancie e a desentenda da realidade real, ali onde o pecado e a graça se fazem presentes. Este docetismo, que normalmente é inconsciente, pode muito bem levar ao aburguesamento, isto é, a prescindir dos pobres e vítimas que são maioria na realidade e são a realidade mais flagrante²⁰.

Outra querela atual que também intriga a teologia, uma realidade com graves consequências, é a falta de utopia. Não serve qualquer utopia, mas aquela que melhor corresponda à teologia do Reino de Deus pregado por Jesus. Em uma sociedade onde crescem as disparidades sociais, políticas e econômicas, a teologia precisa fazer valer sua esperança profética. Neste quesito a teologia pode surgir, segundo Susin, como uma teologia “exorcista”, capaz de desmascarar a violência legitimada pela sacralidade, e assim refazer saudavelmente o tecido social e eclesial. Haja vista os momentos históricos em que a religião tem servido para justificar e promover uma paz sem justiça, onde os pobres e as vítimas são responsabilizados pelo fracasso do sistema dominante, em nosso caso o sistema capitalista²¹.

Nesta mesma direção tem observado Aquino Junior:

Basta ver como os grupos e os governos de extrema direita na América Latina, nos EUA e na Europa se reconhecem como ‘cristãos’, justificando ‘religiosamente’ sua política econômica neoliberal, sua aversão aos direitos humanos, suas mais diversas formas de preconceito e racismos e até mesmo seu caráter e suas práticas fascistas e/ou nazistas. O atual governo brasileiro é o exemplo mais claro e transparente de perversão e manipulação da fé cristã: ‘Brasil acima de tudo; Deus acima de todos’²².

Bem de acordo com as denúncias do Papa Francisco é preciso superar esta “economia que mata”, o que exige caminhar em direção a “adotar outro estilo de vida, menos voraz, mais sereno, mais respeitador, menos ansioso, mais fraterno” (QA 58).

Para agir com honradez dentro deste contexto é fundamental trabalhar com uma “teologia exorcista”, com a finalidade de esconjurar falsas teorias e concepções que são avessas à mensagem do Reino de Deus. É neste horizonte de trabalho por uma inversão plena, no sentido de colocar o mundo no caminho real da vida, que supere as práticas de violências justificadas, que Susin fala de uma teologia como exorcismo. Para Susin, hoje precisamos de uma teologia que seja capaz de exorcizar todas as formas de violência; a libertação pode ser entendida também como o resultado positivo do exorcismo que dá nome à realidade e desmascara seus falsos nomes. Assim, a teologia da libertação é uma teologia que começa por reconhecer o pecado presente na sociedade e as responsabilidades por estes pecados incrustados em sua estrutura infetada pelo vírus letal do mercado capitalista em que o capital está acima, é mais sagrado, do que as pessoas e seu trabalho.

Para esta tarefa profética e exorcista são necessários teólogos, sociólogos, historiadores, que atuem como intelectuais orgânicos, capazes de apontar as contradições, denunciar as injustiças e, de certa forma, desconstruir os “intelectuais convencionais”, na linguagem de Antonio Gramsci, ou ainda mais claramente, desconstruir os intelectuais de corte. Trata-se de uma teologia de libertação capaz de desmascarar os ídolos fascinantes do sistema imperialista que provocam a morte de multidões de pobres e excluídos.

20 Jon SOBRINO, Teología desde la realidad. In: Luiz C. SUSIN (Org.). *O mar se abriu*, p.168.

21 Anotação de palestra proferida online para o *colegiado superior* do ITEPA, 09/12/2021.

22 J. AQUINO, Francisco de. Teologia e o poder da libertação. *Concilium*, 386, (2020/3), p.91.

3 ELLI BENINCÁ: UM TEÓLOGO-INTELLECTUAL ORGÂNICO

Depois deste caminho reflexivo, nossa atenção se volta para o legado do padre Elli Benincá como intelectual orgânico. A intenção, aqui, é explicitar sua proposta metodológica como um verdadeiro ‘intelectual orgânico’, considerando-se o conceito clássico formulado pelo filósofo italiano Antônio Gramsci²³.

Em primeiro lugar, precisamos elucidar a categoria de intelectual orgânico, para julgar quanto cabe a Benincá e quanto ele mesmo ajuda a compreender melhor este papel. Sabe-se que para um teólogo da libertação, comprometido com a práxis teológica é adequado o conceito de “intelectual orgânico”, ou mais especificamente “teólogo orgânico”. É aquele que está intrinsecamente comprometido com uma classe social, que assume a sua causa e reflete caminhos alternativos sempre com uma preocupação de superar as mazelas sociais e resgatar a vida a partir dos últimos. O conceito de intelectual orgânico, originalmente de Gramsci, foi incorporado pela Teologia da Libertação porque o verdadeiro teólogo precisa estar conectado indispensavelmente com a base das minorias sociais – mesmo aquelas que são majorias em número – que são subalternas e que sofrem as consequências de assimetrias injustas. O Papa Francisco, pastoralmente cuidadoso em suas palavras, mas ao mesmo tempo sem meias palavras, aponta recorrentemente, de forma ampla, para as “periferias existenciais e sociais”.

Este pertencimento direcionado às periferias e aos pobres é *condição e critério* de atuação de um intelectual orgânico, segundo Antônio Gramsci.

O erro do intelectual consiste em acreditar que se possa saber sem compreender e, principalmente, sem sentir e sem estar apaixonado (não só pelo saber em si, mas também pelo objeto do saber) isto é, em acreditar que o intelectual possa ser um intelectual [...] mesmo quando distinto e destacado do povo nação, ou seja, sem sentir as paixões elementares do povo, compreendendo-as e, assim, explicando-as em determinada situação histórica, bem como relacionando-as, dialeticamente às leis da história, a uma superior concepção do mundo, científica e coerentemente elaborada, que é o “saber”²⁴.

Seja em Gramsci ou seja na Teologia da Libertação, a falta de vínculo orgânico pode distorcer a visão do intelectual e como consequência tirá-lo do solo sagrado da práxis. É na práxis, na verdade, o lugar onde se encontram os reais fundamentos de todo engajamento teológico na luta das pessoas, dos grupos excluídos e dominados, com o objetivo da libertação/salvação. Partindo do conceito ou da compreensão de intelectual orgânico, e de um ponto de vista de um fazer teológico crítico que tenha por finalidade a libertação de todas as opressões e desigualdades sociais, em última análise o teólogo orgânico está presente e intervém intelectualmente na realidade a partir de baixo, tendo como ponto de partida os sofrimentos e as esperanças, as lágrimas e alegrias dos pobres e excluídos.

Ao analisar agora o pensamento teológico de Benincá pode-se aproximá-lo do conceito de intelectual orgânico elaborado por Gramsci. Em sua pesquisa de mestrado,

23 Antônio Gramsci, escritor italiano nascido em 1891 na ilha de Sardenha, uma das regiões mais pobres da Itália, cresceu numa família de classe baixa e desde cedo conviveu com o fato de ter que deixar os estudos para ajudar em casa. Quando retornou à escola, destacou-se entre os demais estudantes. cursou Letras em Turim, onde ingressou no Partido Socialista Italiano (PSI) no qual teve grande atuação como jornalista escrevendo para o órgão oficial do partido e para outros órgãos socialistas da Itália. Entretanto, o PSI seguia uma linha economicista de interpretação do marxismo, combinada com uma influência positivista da qual Gramsci discordava. Através da discussão sobre uma “filosofia da práxis” desenvolvida por Giovanni Gentile – intelectual provindo também do sul da Itália – Gramsci, inspirado na ação dos bolcheviques na Rússia, argumentava sobre as condições culturais para o início do processo revolucionário cuja classe operária seria o ator principal. Jordana Souza SANTOS, Gramsci e o papel dos intelectuais nos movimentos sociais. *Revista Espaço Acadêmico*, ano IX, n.102, nov. 2009. Disponível em: <http://eduem.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/7128/4819> Acesso em: 20 jul. 2017.

24 Antônio GRAMSCI, *Concepção dialética da história*, p.139.

analisando os conflitos religiosos na ação política do Movimento dos Sem-Terra (MST), ele mesmo realça a importância dos intelectuais orgânicos. Em sua dissertação retoma este conceito aplicando-o ao MST, que forma seus líderes em vista dos processos de conscientização, organização e lutas sociais e políticas²⁵. Afirma Benincá que o MST: “tem seus próprios intelectuais, que procuram não se distanciar da cultura e religiosidade popular dos trabalhadores”²⁶. Na ocasião, retoma o exemplo do deputado estadual, Adão Preto, que, no ano de 1987, no exercício de legislador, reconheceu em entrevista que se identificou com a Teologia da Liberação e com a parte da Igreja que assume essa teologia. A mudança na consciência de Adão ocorreu enquanto agente de pastoral engajado nas lutas dos sem-terra e nas atividades sindicais²⁷.

Benincá reconhece que o MST forma seus líderes que pensam e refletem a ação de sua classe.

São intelectuais a seu modo, uma vez que não são escritores nem artistas, mas os cérebros do movimento; aqueles que se imiscuem na vida prática, constroem o processo de luta social, organizam os agricultores “Sem-Terra”, atuam junto aos acampados e aos agricultores, persuadindo-os a continuarem na luta, buscando sempre uma fundamentação teórica, religiosa ou social para dar compreensão às suas lutas políticas²⁸.

Desentranhando estas palavras de Benincá, é possível chamar atenção ao menos para três questões, no que contribui para a identidade ao intelectual orgânico. Uma primeira, quando se refere a *intelectuais ao seu modo*, ou seja, que não dependem exclusivamente da educação formal, mesmo que esta não seja desprezada. Significa que podem ser analfabetos nos critérios da sociedade vigente e intelectuais *ao seu modo*. Entraria aqui a concepção de saberes diferentes, pluralismo de saberes defendido pelo educador brasileiro Paulo Freire. Uma segunda questão, a necessidade da inserção prática na vida e na luta social, de onde brota o testemunho e a necessidade de trabalhar para mudança de mentalidade e a transformação social/política/religiosa. Uma terceira e última questão, a necessidade de fundamentação teórica, religiosa e social para avançar na compreensão e conscientização das massas. No caso, Benincá utiliza a simbologia da Bíblia e da cruz para ressignificar a prática e a concepção teológica entranhada nos acampados.

A função do intelectual orgânico é encontrar estratégias de luta, formar na prática política, e mesmo fazer conexão com outras categorias de intelectuais, como sociólogos, antropólogos e cientistas políticos. Desta forma, segundo Benincá, a organização do MST estudada por ele conseguiu criar uma camada de intelectuais próprios, nem todos com o mesmo nível formal, mas capazes de compreender a lógica ou, melhor, a dialética do processo histórico, e em condições de dirigir e orientar o movimento. Todavia, seguindo o estudo de Benincá, o reconhecimento e a legitimidade da função que os líderes do MST exercem como intelectuais não lhes vêm apenas da classe, ou, no caso, dos acampados que dão consentimento às suas propostas políticas, mas de outras categorias de intelectuais e, principalmente, dos seus inimigos, justamente quando os combatem²⁹. Característica similar ao que aconteceu com a Teologia da Liberação, pois foi uma atribuição de outros, de modo especial dos seus inimigos, representantes das classes dominantes e

25 Cf. Elli BENINCÁ, *Conflito religioso e práxis: o conflito religioso na ação política dos acampados de encruzilhada Natalino e da Fazenda Annoni*, p.151-153.

26 Elli BENINCÁ, *Conflito religioso e práxis*, p.151.

27 Elli BENINCÁ, *Conflito religioso e práxis*, p.151-152.

28 Elli BENINCÁ, *Conflito religioso e práxis*, p.152-153.

29 Elli BENINCÁ, *Conflito religioso e práxis*, p.153.

conservadoras que buscam reprimi-la ou negá-la para torná-la ilegítima justamente porque percebem o perigo em seu potencial conscientizador e transformador.

É esta perspectiva que orienta o trabalho de Benincá junto aos pobres, no sentido de ajudar na resignificação das imagens e da concepção de Deus. Em sua pesquisa junto ao MST, Benincá constata que os acampados sem-terra, nos acontecimentos e nas lutas diárias, revelam imagens a configurar um Deus que justifica a dor e que os mantém alienados seja das causas históricas de sua condição seja da real configuração de Deus segundo o Evangelho. Como se fosse vontade de Deus a existência dos sem-terra. Foi uma tarefa exigente a de resignificar a simbologia da cruz e a própria Bíblia, para que deixassem de ser instrumentos de opressão e de submissão para se tornarem fonte de libertação. No caso específico da cruz, ela foi revisitada como modo de execução humilhante, utilizada originalmente pelo império romano como instrumento pedagógico para impedir rebeldias e manifestações do povo. Pedagogicamente, os romanos deixavam expostos os corpos dos crucificados com o objetivo de mostrar publicamente o destino de quem contrariasse a ordem legal do Império Romano. A recuperação da “cruz histórica” corrige assim a mistificação da cruz como um drama intra-trinitário, a cruz como vontade e desígnio do próprio Deus. A Bíblia em geral, de forma semelhante, foi frequentemente invocada e utilizada como ferramenta para moralizar na forma de submissão, reprimindo e dificultando a compreensão da realidade histórica, política, social, econômica e religiosa. Como na carta a Timóteo, Benincá professa e ensina que a Palavra de Deus não se deixa acorrentar (2Tm 2,9); ou como o salmista, ele lembra que a Palavra de Deus é lâmpada para os pés e luz para o caminho (Sl 119,105); ou tal como um agricultor ele atenta para a força libertadora da Palavra de Deus, assim como há na semente a força que a faz germinar enquanto o agricultor dorme.

CONCLUSÃO

O presente artigo buscou adentrar a concepção de intelectual/teólogo orgânico. Na perspectiva de Antônio Gramsci, o pensamento convencional ou tradicional é decorrente de um tipo de intelectual que se mantém ligado a uma determinada classe social, atuando como seu porta-voz e, conseqüentemente, continua a repetir indefinidamente a mesma visão e compreensão, servindo assim aos mesmos interesses: as classes hegemônicas. Romper com esta epistemologia permeada de ideologia foi a missão preliminar desencadeada pela Teologia da Libertação, ao colher os ventos transformadores provenientes do Concílio Vaticano II, particularmente na recepção criativa e profética de Medellín que escutou seriamente os clamores dos povos latino-americanos e colocou as bases de um movimento revolucionário, o de resgatar a vida e dignidade dos pobres e excluídos. O teólogo orgânico, nessa nova postura eclesial, explicita uma verdade evangélica fundamental: os pobres são elevados a sujeitos na compreensão de que eles não são somente destinatários do Evangelho, mas, inspirados pelo Evangelho, se tornam criadores de suas próprias vidas e sujeitos de transformação da vida social e mesmo eclesial em que vivem e atuam, em seu aspecto tanto histórico como salvífico, porque experimentam Cristo vivo em sua carne. Coerentemente o Papa latino-americano, Papa Francisco, ensina com toda a força de seu magistério que os pobres são sujeitos ativos e criativos, que têm muito a oferecer e que se tornam critério de julgamento da sociedade. Assim, denuncia: “Não fazer os pobres participar dos seus próprios bens é roubá-los e tirar-lhes a vida” (EG 57).

O resgate da metodologia benincaniana sublinha o testemunho de meio século de coerência metodológica, a constituição de um método que, em primeiro lugar, mantém a

“honradez para com a realidade”, na esteira do método do Mestre Jesus, e em conformidade com a essência da mensagem evangélica traduzida pela teologia latino-americana e caribenha. Ao mesmo tempo, Benincá explicita claramente ao lado de quem e a serviço de quem deve estar uma verdadeira teologia comprometida, viva e fiel aos passos do Mestre. Propondo em seu método pastoral e teológico os passos ordenados de 1. Observação; 2. Registro; 3. Sessão de estudo; 4. Reencaminhamentos, o teólogo, bem como qualquer cristão que busca pensar responsabilmente, se mantém vinculado com a práxis, sendo este vínculo fundamental no processo metodológico elaborado com sucesso por Benincá.

A metodologia benincaniana contempla de modo extremamente prático e transparente a teologia como “ato segundo”, com a precedência pelo ato primeiro da práxis da fé cristológica e eclesial no Reino de Deus. Segundo um dos pais da Teologia da Libertação, Gustavo Gutiérrez: “O discurso sobre Deus vem depois porque o dom da fé é anterior e fonte da teologia”³⁰. Não se pode descurar de que a realidade dos pobres e das vítimas do sistema que, ao mesmo tempo que privilegia também vitimiza, é uma realidade que não somente desperta, mas também perturba, abala, e questiona o sentido da teologia. Na compreensão de Geraldina Céspedes, “o encontro da fé com a realidade vivida é o que vai determinar o caráter específico de nossa teologia”³¹.

O itinerário brevemente percorrido acima demonstra a importância e atualidade/ousadia deste método que tem o teólogo na postura de intelectual orgânico, pois é em si uma postura profética diante da realidade virtual, individualista e capitalista que marca o século XXI. A rapidez com que acontecem os fatos, a interação virtual das notícias e o discurso e incentivo ao ‘mérito’ e à meritocracia visando a legitimação da acumulação dos bens materiais são referências cada vez mais clamorosos na sociedade atual. Apresentar convincentemente, com coerência, a necessidade urgente e inadiável de um estilo de vida com práticas comunitárias, participativas, a partir dos mais vulneráveis, é certamente colocar-se na contramão do “sistema-mundo” do mercado globalizado por sua economia “que mata” (Papa Francisco) a começar pela produção de vasta exclusão.

O Padre Elli Benincá, como teólogo-intelectual orgânico, partindo de uma efetiva opção pelos empobrecidos e vulneráveis da sociedade, construiu uma metodologia pastoral e teológica que é capaz de abraçar a teoria e a prática, respeitando a historicidade dos acontecimentos e demonstrando a necessidade da ‘honradez para com a realidade’, assim como tem feito a Teologia da Libertação. Ora, na verdade, se “método” tem o sentido de caminho que conduz para além, para uma meta e uma superação, temos aqui um caminho obrigatório para que os cristãos como discípulos-missionários que tem as mesmas aspirações, sentimentos e ágape de Cristo. Benincá traçou um modelo extremamente prático e compreensível, que traz em seu interior mais profundo uma espiritualidade profética e criativa e que possibilita atuar na realidade social e eclesial como sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13-14), porque produz libertação histórica/salvação transcendente sem confusão nem separação. O método mesmo sinaliza o Reino de Deus, na concretização do bem maior, que, segundo a revelação nas Escrituras é o atributo por excelência do Deus Vivo, o *dom da Vida!*

30 Gustavo GUTIÉRREZ, *Teologia da libertação*, p.33.

31 Geraldina CÉSPEDES, *Novos fios para um novo tecido*. In: Agenor BRIGHENTI e Rosario HERMANO (Org.), *Teologia da libertação em prospectiva*, p.32.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO J, Francisco de. Teologia e o poder da libertação. *Concilium*, 386, (2020/3). Vozes: Petrópolis, RJ. p.88-96.
- BENINCÁ, Elli. *Conflito religioso e práxis: o conflito religioso na ação política dos acampados de Encruzilhada Natalino e da Fazenda Annoni*. Passo Fundo: IFIBE: UPF, 2016.
- BENINCÁ, Elli. Em busca das raízes da Metodologia Histórico Evangelizadora. In: REIS, Ari dos; MEZADRI, Neri; BALBINOT, Rodinei; (et al) (orgs). *Metodologia da ação evangelizadora: uma experiência no fazer teológico pastoral*. Passo Fundo: Berthier, 2008. p.9-31.
- BENINCÁ, Elli. Metodologia Pastoral. In: *Cadernos de Formação – Nº 2*. Passo Fundo: Urbano José Allgayer, 1994. p.11-58.
- BENINCÁ, Elli; BALBINOT, Rodinei. *Metodologia Pastoral*. Mística do discípulo missionário. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BOFF, Clodovis. Teologia da libertação e volta ao fundamento. *REB*, Petrópolis, v.67, n. 268, 2007. p.1001-1022.
- CARIAS, Celso P.; CARIAS, Aurelina de Jesus Cruz. *Outra teologia é possível: outra Igreja também*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- CÉSPEDES, Geraldina. Novos fios para um novo tecido. In: BRIGHENTI, Agenor; HERMANO, Rosario (org.). *Teologia da libertação em prospectiva*. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013. p.29-60.
- CODINA, Víctor. Hacer teología en medio de los pobres. *Revista Latinoamericana de Teología*. Disponível em: <https://revistas.uca.edu.sv/index.php/rlt/article/view/4422/4418>. Acesso em 09 de janeiro 2022.
- CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora 2019-2023*. Documento da CNBB 109. Brasília: Edições CNBB, 2019.
- ELLACURÍA, Ignacio. *Utopía y profetismo*. In.: ELLACURÍA, I; SOBRINO, J. (Orgs.). *Mysterium Liberationis: conceptos fundamentales de la teología de la liberación*. Madrid: Trotta, I. v.1990. p.393-442.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. Práxis de libertação. Teologia e anúncio. *Concilium*, n.10 (1974/6). p.735-752
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação: Perspectiva*. São Paulo: Loyola, 2000.
- MADERA VARGAS, Ignacio. Algunas consideraciones acerca del método en teología latinoamericana. In: AMERÍNDIA *¿Es pertinente la Teología de la Liberación hoy?* Aportes de Amerindia Colombia. Amerindia. Septiembre 2020. p.15-34.
- MANZATTO, Antonio. *Jesus Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2019.
- SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SOBRINO, Jon. Fazer teologia em nosso tempo e em nosso lugar. In: BRIGHENTI, Agenor; HERMANO, Rosario (Org.). *Teologia da libertação em prospectiva*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p.61-84.
- SOBRINO, Jon. Teología desde la realidad. In: SUSIN, Luiz Carlos (org.). *O mar se abriu*. Trinta anos de teologia na América Latina. São Paulo: Loyola, 2000. p. 153-170.
- SUSIN, Luiz Carlos; HAMMES, Érico João. A Teologia da Libertação e a questão de seus fundamentos. Em debate com Clodovis Boff. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v.68, n.270, 2008. p.277-299.
- TAVARES, Sinivaldo S. Por uma transformação intercultural da teologia. *REB*, Petrópolis, v.78, n.311, set./dez. 2018. p.695-722.
- TRIGO, Pedro. ¿Ha muerto la teología de la liberación? *Revista Latinoamericana de Teología*. Disponível em: <http://www.redicces.org.sv/jspui/bitstream/10972/1515/1/RLT-2005-064-D.pdf>.
- TRIGO, Pedro. *Distinción entre orden establecido y realidad: por honradez con la realidad*. Disponível em: <https://revistas.uca.edu.sv/index.php/rlt/article/view/5747/5694>. Acesso em 8 de janeiro de 2022.